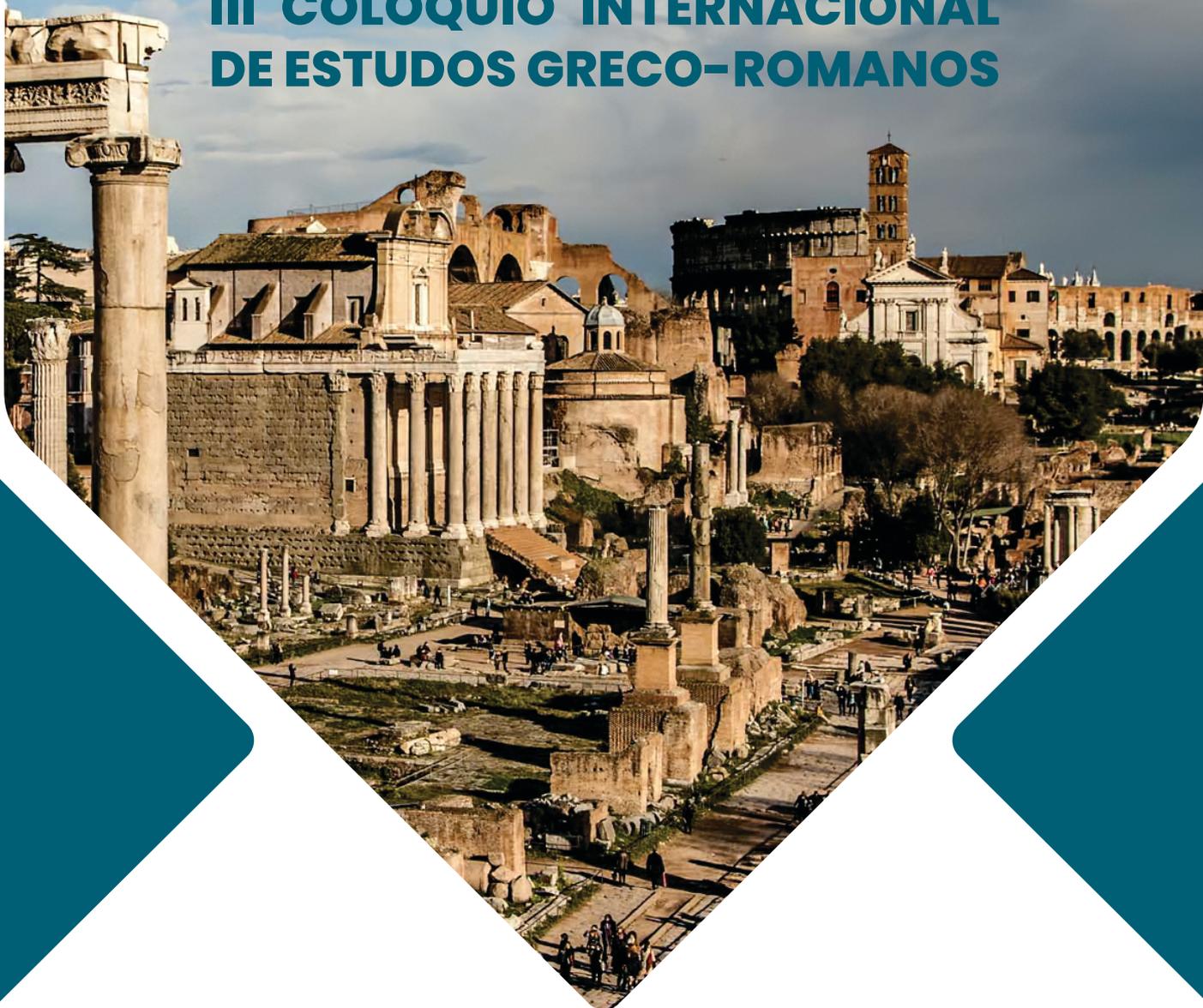


A CIDADE ANTIGA ENTRE A HISTÓRIA E A ARQUEOLOGIA

III COLÓQUIO INTERNACIONAL
DE ESTUDOS GRECO-ROMANOS



**CADERNO DE RESUMOS
E PROGRAMAÇÃO**



LABORATÓRIO DE ESTUDOS
SOBRE O IMPÉRIO ROMANO

III Colóquio Internacional de Estudos Greco-Romanos

**A CIDADE ANTIGA ENTRE A
HISTÓRIA E A ARQUEOLOGIA**



LABORATÓRIO DE ESTUDOS
SOBRE O IMPÉRIO ROMANO

FICHA TÉCNICA

COORDENAÇÃO DO LEIR/ES

Gilvan Ventura da Silva

VICE COORDENAÇÃO DO LEIR/ES

Érica Cristhyane Morais da Silva

PROFESSORES ASSOCIADOS

Alessandra André (Sesa/ES)

Belchior Monteiro Lima Neto (Ufes)

Hariadne da Penha Soares Bocayuva (Sesa/ES)

COLABORADORES NACIONAIS

Ludimila Caliman Campos (Faceli)

Roberta Alexandrina da Silva (UFPA)

Silvia Marcia Alves Siqueira (Uece)

COLABORADORES ESTRANGEIROS

Fernanda E. Puga de Magalhães (UMinho)

Maria Manuela R. Martins (UMinho)

Ramón Teja (UC)

REITOR DA UFES

Paulo Sérgio de Paula Vargas

REITOR DA UMINHO

Rui Vieira de Castro

COORDENADOR DO PPGHIS

Belchior Monteiro Lima Neto

PRESIDENTE DA UNIDADE DE ARQUEOLOGIA DA UMINHO

Maria Manuela R. Martins

COMISSÃO ORGANIZADORA

Belchior Monteiro Lima Neto

Érica Cristhyane Morais da Silva

Gilvan Ventura da Silva

Maria Manuela R. Martins

COMISSÃO CIENTÍFICA

Fábio Duarte Joly (Ufop)

Fábio Vergara Cerqueira (UFPEL)

Helena Amália Papa (Unimontes)

PROGRAMAÇÃO VISUAL

João Carlos Furlani

COORDENAÇÃO DE MONITORIA

Edjalma Nepomoceno Pina

Guilherme de Aquino Silva

MONITORES

Ana Carolina Bazoni dos Santos

Davi Santos Barros

Gabriella Turrini Segrini

Gabryel Garcia bLima

Larissa Lopes de Siqueira

Raphael Keller Campos

APRESENTAÇÃO

Entre os dias 22 e 24 de novembro de 2022, ocorrerá, nas dependências da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), no *campus* de Goiabeiras, o III Colóquio Internacional de Estudos Greco-Romanos.

O evento, que terá lugar no Auditório do Centro de Ciências Humanas e Naturais (IC-II), de 3ª a 5ª feira, a partir das 9h, é uma iniciativa do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano, seção Espírito Santo (Leir/ES) em parceria com a Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho (UMinho), com apoio do Programa de Pós-Graduação em História (PPGHis) da Ufes e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Espírito Santo (Fapes). Na oportunidade, contaremos com a presença de integrantes da equipe de Arqueologia Clássica da UMinho, além de destacados historiadores e arqueólogos brasileiros e estrangeiros.

Por intermédio do tema escolhido para o Colóquio, “A cidade antiga entre a História e a Arqueologia”, pretende-se investigar as múltiplas funções desempenhadas pelo espaço entre gregos e romanos, tanto em contexto público quanto em contexto privado. Dentre as atividades previstas para o evento, encontra-se a oferta de um minicurso sobre os diálogos da História Antiga com a Arqueologia a ser ministrado por José Alejandro Beltrán-Caballero (Universitat Rovira i Virgili), Ricardo Mar Medina (Universitat Rovira i Virgili) e Rebeca Blanco-Rotea (UMinho/Unidade de Arqueologia).

Os organizadores.

PROGRAMAÇÃO

22 DE NOVEMBRO (3ª FEIRA)

9:00h às 9:30h – **Solenidade de abertura**

9:30h às 11:00h – **Conferência de abertura**

A Arqueologia em busca da cidade romana: espaços, arquiteturas e população
Manuela Martins (Universidade do Minho)

11:00h às 12:30h – **Apresentação de livro**

Arquitectura y Urbanismo del Cusco Inka

Ricardo Mar (Universitat Rovira i Virgili) e José Alejandro Beltrán-Caballero (Universitat Rovira i Virgili)

14:00h às 16:00 h - **Mesa de Palestras I**

Construindo o divino no 'forum romanum': 'libertas' e 'concordia' em 'De domo sua', de Cícero
Claudia Beltrão da Rosa (UNIRIO/Nero/British Academy)

A construção poética da 'Urbs' na 'Eneida': o amálgama entre espaços e temporalidades na écfrase virgiliana

Thiago Eustáquio Araújo Mota (UPE/Leir)

Os laços entre a morte e o dionisismo na arte funerária romana

Luciane Munhoz de Omena (UFG/Leir)

16:00h às 16:30h – **Intervalo**

16:30h às 18:30 h – **Mesa de Palestras II**

Uma cidade de atletas: as práticas esportivas entre literatura e imagens

Fábio de Souza Lessa (Lhia/UFRJ/CNPq)

Entre fonte escrita e fonte material: o que podemos dizer acerca das "cidades" indígenas norte-africanas na Antiguidade. Afinal, elas existiram?

Maria Cristina Kormikiari (Usp/Mae/Labeca)

A reconstrução de Leptis Magna pelos imperadores severos
Ana Teresa Marques Gonçalves (UFG/Leir/CNPq)

18:30h às 21:30h – **Minicurso**

23 DE NOVEMBRO (4ª FEIRA)

9:00h às 11:00h – **Sessão Coordenada**

Uma representação da Ibéria no início do Principado: a dicotomia entre o espaço das 'póles' e o das tribos ('komai') na 'Geografia', de Estrabão
Guilherme de Aquino Silva (Ufes/Leir/Capes)

'FISCI IVDAICI CALVMNIA SVBLATA': Repensando a 'damnatio memoriae' de Domiciano (96-98)
Irlan de Sousa Cotrim (Ufes/Limes/Fapes)

'Physiognomia' e clivagem social: o corpo nas 'Metamorphoses', de Apuleio (séc. II)
Edjalma Nepomoceno Pina (Ufes/Leir/Capes)

Enclausuramento no espaço monástico e progresso espiritual na Antiguidade Tardia: um olhar para as obras de João Cassiano e para a cultura material
Larissa Rodrigues Sathler (Ufes/Leir/Fapes)

11:00 às 12:30h – **Conferência**

Ritual movement and the construction of Rome's sacred landscape: some case-studies
Giorgio Ferri (Università La Sapienza)

12:30h às 14:00h – **Intervalo**

14:00h às 16:00 h – **Mesa de Palestras III**

Dentro e fora da cidade. O papel dos espaços sagrados em Armea e Santiago de Compostela na Antiguidade Tardia
Rebeca Blanco-Rotea (Universidade do Minho)

Entre os espaços urbanos e suburbanos: a Toledo hispano-visigoda como exemplo de 'urbs regia' na Antiguidade Tardia (séc. VI-VII)

Renan Frighetto (UFPR/Nemed/CNPq)

O espaço dos fóruns e das ágoras segundo João Crisóstomo: a definição de heterotopias cristãs em Constantinopla (séc. IV e V)

João Carlos Furlani (Ufes/Leir)

16:00h às 16:30h – **Intervalo**

16:30h às 18:30 h – **Mesa de Palestras IV**

Celebrar o milênio em família: os mil anos de Roma e os tipos monetários saecvlvm novvm sob o governo de Filipe (247-248)

Moisés Antiqueira (UNIOESTE)

As propriedades apotropaicas das gemas mágicas no Egito tardio, segundo os 'Papiros mágico gregos' e a cultura material

Hariadne da Penha Soares (Sedu e Leir/ES)

Água e forma urbana nas sociedades antigas americanas

José Alejandro Beltrán-Caballero (Universitat Rovira i Virgili)

19:00h às 20:30h – **Conferência**

The value of the old

Paul du Plessis (University of Edinburgh)

24 DE NOVEMBRO (5ª FEIRA)

8:00 às 11:00h – **Minicurso**

11:00h às 12:30 h – **Conferência de encerramento**

Ricardo Mar (Universitat Rovira i Virgili)

De Roma a Cusco: leituras transculturais do espaço urbano

RESUMOS

A RECONSTRUÇÃO DE LEPTIS MAGNA PELOS IMPERADORES SEVEROS

Ana Teresa Marques Gonçalves (UFG/Leir/CNPq)

Pátria natal do imperador romano norte africano Lúcio Septímio Severo, a inicialmente pequena cidade de *Leptis Magna* recebeu inúmeras intervenções arquitetônicas após a ascensão de seu filho ilustre ao comando imperial, em 193 d.C. Sua localização privilegiada e sua constante utilização como zona portuária fundamental nas atividades bélicas e comerciais romanas levaram a cidade ao crescimento populacional e à necessidade de sucessivas ampliações do território citadino. Neste trabalho, objetivamos analisar o estabelecimento da *gens* Septímia na cidade e as alterações realizadas no espaço urbano leptiano como forma de reforçar os vínculos políticos e econômicos entre os cidadãos de *Leptis* e a família imperial severiana.

CONSTRUINDO O DIVINO NO FORUM ROMANUM: LIBERTAS E CONCORDIA EM DE DOMO SUA, DE CÍCERO

Claudia Beltrão da Rosa (UniRio/Nero/British Academy)

História Antiga, Arqueologia, História da Arte, Ciências da Religião e Teologia são disciplinas que lidam com imagens religiosas de diferentes modos, com base em suas distintas tradições metodológicas e agendas de pesquisa. O estabelecimento de diálogos entre essas disciplinas é algo positivo que cada vez mais vem sendo promovido pelos estudiosos de religiões antigas. A noção de religião como comunicação de seres humanos com seres divinos e outros humanos introduzida por Jörg Rüpke, por exemplo, abre uma via para o estudo das relações entre o nível discursivo e o visual na construção estética e espacial do divino em lugares específicos. A dinâmica das diferentes estratégias para tornar a divindade presente e acessível através do uso de imagens e sua relação de dependência a discursos que informam a imaginação afetiva e religiosa é o foco desta apresentação centrada no modo de construção ciceroniana de duas (estátuas de) deusas para o povo romano, a má *Libertas* e a boa *Concordia* no discurso *De domo sua*.

PHYSIOGNOMIA E CLIVAGEM SOCIAL: O CORPO NAS METAMORPHOSES, DE APULEIO (SÉC. II)

Edjalma Nepomoceno Pina (Ufes/Capes/Leir)

A escrita de uma obra literária envolve uma série de escolhas criativas que dependem, em grande medida, de quais reações emocionais e intelectuais o autor pretende provocar em

seus interlocutores. Isso quer dizer que a leitura de uma obra textual é uma experiência estética parcialmente orientada pelos elementos deixados pelo autor nas entrelinhas de sua obra. Com tais considerações em mente, pretendemos discutir a presença de preceitos da *physiognomia*, campo de estudos que se popularizou entre filósofos e sofistas do século II, na novela *Metamorphoses* de Apuleio. Importa ressaltar que a *physiognomia* estabelecia uma correlação entre os aspectos corporais dos indivíduos e seus comportamentos na sociedade. Os adeptos desta abordagem acreditavam que poderiam decifrar as virtudes e os vícios de um indivíduo a partir da observação de seus traços faciais, proporção dos músculos, sexo e origem geográfica. A influência da premissa fisiognomônica na referida obra de Apuleio pode ser constatada pela descrição dos corpos e dos comportamentos de aristocratas, divindades e bandidos ao longo da trama desenvolvida pelo autor. Com esta comunicação, portanto, esperamos demonstrar como a *physiognomia* aplicada nas *Metamorphoses* denota uma clivagem social a partir das disposições corporais, hierarquizando grupos inseridos ou não nas *civitates*.

UMA CIDADE DE ATLETAS: AS PRÁTICAS ESPORTIVAS ENTRE LITERATURA E IMAGENS

Fábio de Souza Lessa (Lhia/UFRJ/CNPq)

Propomos, no presente texto, entender as práticas esportivas gregas como um meio essencial de identidade políade, delimitando de forma clara as fronteiras entre os cidadãos e os não cidadãos entre gregos e não gregos. “Uma cidade de atletas” nada mais é do que o entendimento de que as práticas esportivas são essenciais para a definição da vida em comunidade. Para além dos textos literários produzidos no decorrer do período clássico (séculos V e IV a.C.), interpretaremos as imagens pintadas em suporte cerâmico.

RITUAL MOVEMENT AND THE CONSTRUCTION OF ROME’S SACRED LANDSCAPE: SOME CASE-STUDIES

Giorgio Ferri (Università La Sapienza)

The proposal is related to my ongoing MSCA project *RITMO* aimed at exploring the place-making function of ritual movement, that is the movement of individuals or groups on more or less fixed routes for religious causes or purposes (e.g. processions), in Roman religion. The main objective of the project is to study the impact of continued performance of ritual movement on the cultural, social, and physical creation of religious places in ancient Rome. My presentation will consider some key case studies of ritual movement in Roman religion: Salian rituals, the *transvectio equitum* and the *Lupercalia*. Such rituals

could actually transform 'space' into a (religious) 'place'; they shaped (and were shaped by) emotions, identity, and memory, by finally becoming embedded in Rome's sacred landscape. Whereas the routes and stages of such rituals could be more or less fixed or did not undergo frequent or substantial changes with every celebration, the spontaneous and diverse responses to the performance ought to have varied with each iteration; the experience (and the memory) of the ritual would have differed for each person based on his/her level of participation, social status, age, etc. Thus, through frequent enactment and the participants' continuous engagement, such ritual movements became embedded in the places where they were performed: the relationship among the performers, the built environment and the physical landscape contributed to constantly build up Rome's sacred landscape, 'affecting' space and creating a 'new' religious place that would be linked to that ritual and mark Rome forever.

UMA REPRESENTAÇÃO DA IBÉRIA NO INÍCIO DO PRINCIPADO: A DICOTOMIA ENTRE O ESPAÇO DAS PÓLEIS E O DAS TRIBOS (KOMAI) NA GEOGRAFIA, DE ESTRABÃO

Guilherme de Aquino Silva (Ufes/Leir/Capes)

O objetivo desta comunicação é analisar a dicotomia efetuada por Estrabão entre o espaço das póleis e o das tribos ibéricas, num contexto de imperialismo romano, entre os séculos I a.C. e I d.C. Demonstraremos, por meio da análise da *Geografia*, a maneira pela qual seu autor, Estrabão, representou o espaço políade da Ibéria, contrapondo-o ao espaço não políade dessa região do Império Romano. Apontaremos as características materiais, econômicas e culturais que, de acordo com Estrabão, distinguem a cidade greco-romana, a pólis, dos povoamentos típicos da região do *barbaricum*, conhecidos como *komai* (tribos). Acreditamos que essa dicotomia projetava a consolidação do Império, mediante a conquista efetiva de regiões potencialmente favoráveis às aspirações políticas e econômicas imperiais, o que seria feito, sobretudo, por intermédio da construção de póleis, em substituição às *komai*.

AS PROPRIEDADE APOTROPAICAS DAS GEMAS MÁGICAS NO EGITO TARDIO, SEGUNDO OS PAPIROS MÁGICOS GREGOS E A CULTURA MATERIAL (SÉC. III-IV)

Hariadne da Penha Soares (SEDU/Leir-ES)

A presente comunicação tem por objetivo explorar as potencialidades das gemas mágicas como fontes de pesquisa acerca das práticas mágico-religiosas do Egito greco-romano. As gemas mágicas eram artefatos produzidos por meio de práticas e representações, e

eram empregadas como objetos apotropaicos no Egito tardio, como podemos verificar por meio da análise dos *Papiros Mágicos Gregos*, nos quais foram registradas formas de fabricação e uso das gemas mágicas como objetos que garantiam proteção e, também, do exame destes amuletos, seus símbolos e inscrições a fim de verificar possíveis convergências entre as fórmulas contidas nos papiros e a cultura material.

FISCI IVDAICI CALVMNIA SVBLATA: REPENSANDO A DAMNATIO MEMORIAE DE DOMICIANO (96-98)

Irlan de Sousa Cotrim (Ufes/Limes/Fapes)

A fabricação de imagens dos governantes não é um fenômeno atual ou mesmo raro. A propagação de imagens, símbolos e emblemas nos mais variados suportes representa a presença do poder do soberano, expressando a sua majestade seja em Monarquias ou em Repúblicas situadas no ontem e no hoje. O Mundo Antigo foi o palco de inúmeras experiências políticas nas quais o seu chefe supremo e seu grupo de séquitos não se furtaram da produção, em massa, de imagens do poder, desejosos pela amplificação de determinadas – e não fortuitas – representações e ideias políticas que moldavam o caráter do governo e a *persona* do governante. Objetivamos com esta comunicação, entrever como a imagem de um governante predecessor pôde ser usada e abusada pelo sucessor que estava no poder, apesar da existência de um dispositivo jurídico que promovia a obliteração da imagem do antecessor, a *damnatio memoriae*. Utilizaremos o caso da imagem de Nerva em um sestércio datado entre os anos de 96 e 98 d. C. como documentação. Defendemos que a fabricação da imagem pública de Nerva se constituiu de um amálgama formado entre a lembrança do passado de Domiciano e a promoção do momento presente do fundador da dinastia nerva-antonina. Para tanto, utilizamos os conceitos provenientes da retórica antiga, *elogio* e *vitupério*, de *representações* e *práticas* de Roger Chartier e de *propaganda* cunhado por Ana Teresa Marques Gonçalves.

O ESPAÇO DOS FÓRUNS E DAS ÁGORAS SEGUNDO JOÃO CRISÓSTOMO: A DEFINIÇÃO DE HETEROTOPIAS CRISTÃS EM CONSTANTINOPLA (SÉC. IV E V)

João Carlos Furlani (Ufes/Leir)

Apreendido em sua dimensão territorial e cultural, o espaço pode ser considerado tanto como produto quanto produtor da sociedade, o que, em outras palavras, quer dizer que assume múltiplas funções, como a de um lugar no qual grupos se organizam e estabelecem regras de convívio e de socialização; a de um ambiente repleto de práticas e representações;

a de um local de subsistência; ou a de um repositório de vestígios produtores de memória coletiva e esquecimento. No período tardo-antigo, muitas transformações produzidas no ambiente citadino estavam relacionadas com manifestações de caráter religioso e cultural, como a ampliação dos credos cristãos e a interferência que estes últimos passaram a exercer sobre as paisagens arquitetônicas. Apesar disso, sabemos que o século IV foi um período em que os fóruns e as ágoras sofreram extensos reparos nas províncias do Império Romano, incluindo Constantinopla, cidade onde João Crisóstomo atuou à frente do episcopado. O próprio bispo deixa claro que as praças públicas desempenhavam um papel fundamental na definição da identidade cívica, embora estivessem repletas de práticas consideradas impróprias para os cristãos. Com essas informações em mente, propomos refletir sobre a definição de João Crisóstomo a respeito dos fóruns e das ágoras de Constantinopla após ser consagrado bispo da cidade, em 398. Acreditamos que as reflexões morais e pedagógicas sobre as relações dos cristãos com o cotidiano e com os referidos espaços serviam para delimitar heterotopias, ou seja, lugares impróprios para os fiéis.

ÁGUA E FORMA URBANA NAS SOCIEDADES ANTIGAS AMERICANAS

José Alejandro Beltrán-Caballero (Universitat Rovira i Virgili)

A origem e desenvolvimento de algumas culturas pré-industriais mais importantes do mundo baseou-se na aplicação de estratégias sustentáveis para a gestão dos recursos hídricos. A investigação do século XX descreveu essas culturas sob a designação comum de "sociedades hidráulicas", esquecendo, por vezes, a enorme diversidade de soluções técnicas que foram aplicadas por cada uma delas na sua relação com o meio ambiente. *Água e forma urbana nas sociedades antigas americanas* representa uma reflexão sobre o contexto natural enquanto suporte para as soluções de ocupação do território, que pretende retomar o estudo dessas 'sociedades' na América e colocar em contexto as condicionantes e ações que transformaram os agregados urbanos em locais planejados, com os desertos, as zonas alagadiças e as montanhas a servir de fios condutores da revolução urbana na América.

ENCLAUSURAMENTO NO ESPAÇO MONÁSTICO E PROGRESSO ESPIRITUAL NA ANTIGUIDADE TARDIA: UM OLHAR PARA AS OBRAS DE JOÃO CASSIANO E PARA A CULTURA MATERIAL

Larissa Rodrigues Sathler (Ufes/Leir/ Fapes)

Considerando que o espaço não consiste em uma realidade apriorística da natureza, mas algo que precisa ser pensado e investigado como condição e resultado de processos

sociais, nossa comunicação visa demonstrar como as estruturas espaciais monásticas tardo-antigas foram importantes instrumentos de disciplina para o corpo do monge. Para tanto, analisaremos o discurso de João Cassiano, no qual fica evidente a sua pretensão de estabelecer nas Gálias o modelo de monacato oriental, bem como algumas construções monásticas encontradas em sítios arqueológicos no Egito.

OS LAÇOS ENTRE A MORTE E O DIONISISMO NA ARTE FUNERÁRIA ROMANA

Luciane Munhoz de Omena (UFG/Leir)

Visamos a refletir acerca dos laços entre a morte e o dionisismo na arte funerária. Sabemos ter havido uma valorização das representações dionísicas nos espaços funerários e domésticos. Habitualmente, a divindade e sua comitiva caracterizada pelos sátiros, mênades, Sileno, Pan, cupidos, tigres, centauros, elefantes e cenas míticas, como o nascimento e educação pelas ninfas, esculpem superfícies de paredes e objetos (*e.g.* cerâmica, vasos de prata, mosaicos, pinturas, relevos, entre outros) datados à época da Antiguidade. Em nosso contexto, relevos de sarcófagos, por exemplo, anunciam uma morte abençoada, regida sob a potência de Dionísio. Partindo, então, dessas observações, propomos compreender, em especial a experiência social da morte ligada a Dionísio, pois, como supomos, as cenas retratam o simbolismo das práticas religiosas e suas crenças, para usarmos o conceito de Barbara E. Borg. São convicções pessoais e sociais sobre a existência e o poder dionísico em favorecer indivíduos tanto na vida quanto na morte.

A ARQUEOLOGIA EM BUSCA DA CIDADE ROMANA: ESPAÇOS, ARQUITETURAS E POPULAÇÃO

Manuela Martins (UMinho/Unidade de Arqueologia)

O carácter limitado das fontes textuais relativas ao mundo romano, muito focadas no universo político e nas classes dirigentes, determinou uma precoce associação da História Antiga à Arqueologia, com o objetivo de confirmar lugares e narrativas sugeridas nas obras dos autores greco-romanos, pretendendo-se assim melhor ilustrar o universo das elites através de edifícios, artefactos ou inscrições. Mas as ruínas das antigas cidades, ainda pontualmente visíveis à superfície do solo, como acontecia com Roma, tiveram um reduzido impacto no capital cognitivo da História Antiga, que continuou a fundamentar-se nas fontes textuais até tempos muito recentes. Para uma nova perspetiva do mundo urbano romano contribuiu a descoberta de Pompeia e Herculano, escavadas desde o século XVIII, que viria a fornecer uma inestimável contribuição sobre a vida urbana das

ciudades romanas, no âmbito das arquiteturas, dos usos do espaço ou dos comportamentos da população. Também a arqueologia urbana europeia, desenvolvida a partir dos anos 60/70 do século XX, viria a contribuir de forma muito marcante para o conhecimento do universo urbano provincial e para a compreensão do modo como foram absorvidos e reinterpretados os modelos urbanísticos, arquitetónicos e decorativos de origem itálica. O enorme crescimento dos dados arqueológicos das últimas décadas ampliou a nossa compreensão da cidade como realidade física, possibilitando novas perspectivas de análise antropológica que passaram a valorizar-se atividades e comportamentos, em íntima interação com os diferentes espaços e arquiteturas, reconhecendo-se o seu papel nas dinâmicas sociais. As cidades passaram assim a ser perspectivadas como locais em permanente evolução material, cultural, económica, mas também social, o que convoca a um inevitável diálogo entre a arqueologia e outros saberes multidisciplinares. Nesta comunicação procuraremos refletir sobre a evolução das perspectivas de análise da cidade romana, focando-nos nas cidades do NO da Hispânia, tirando partido dos conhecimentos que dispomos hoje a partir das escavações e dos contributos da análise antropológica do espaço.

ENTRE FONTE ESCRITA E FONTE MATERIAL: O QUE PODEMOS DIZER ACERCA DAS “CIDADES” INDÍGENAS NORTE-AFRICANAS NA ANTIGUIDADE. AFINAL, ELAS EXISTIRAM?

Maria Cristina Kormikiari (USP/Mae/Labeca)

Nosso conhecimento acerca da organização sociopolítica dos grupos indígenas norte-africanos na Antiguidade clássica e helenística é dificultada pela falta de documentos textuais diretos desses povos. Temos alguma informação escrita mas esta é notadamente estrangeira, grega e latina. Podemos citar entre algumas dessas fontes os textos de Heródoto, Salústio, Tito-Lívio e Políbio. Há alguma epigrafia primária, isto é, indígena e só. Desse modo, os dados advindos das escavações e prospecções arqueológicas são obrigatoriamente fonte inestimável de conhecimento. Como estes dialogam com os dados textuais estrangeiros? Nessa palestra, nos propomos a relacionar estas duas fontes aparentemente díspares, a textual e a material, e acessá-las de maneira a discutirmos uma questão pontual não pouco relevante: a organização sociopolítica indígena norte-africana levou estes povos a estabelecerem-se em cidades? Se sim, como seriam elas, temos provas materiais de suas existências? Se não, como estes povos organizaram-se espacialmente e como lidaram com a chegada de grupos estrangeiros, fenícios primeiro e, depois, *romanos, estes sim, fortemente organizados a partir de cidades-Estado, kart* em fenício e *urbs* em latim? Por último, trataremos um conjunto de dados etnológicos

que poderão nos assessorar a melhor compreender tanto a visão estrangeira quanto a
ênica, indígena.

CELEBRAR O MILÊNIO EM FAMÍLIA: OS MIL ANOS DE ROMA E OS TIPOS MONETÁRIOS SAECVLVM NOVVM SOB O GOVERNO DE FILIPE (247-248)

Moisés Antiqueira (UNIOESTE)

O milésimo aniversário de Roma desde a fundação da cidade, concluído em abril de 248 (levando-se em conta, é claro, a era cronológica comum), foi celebrado pelo imperador Filipe (244-249) de maneira grandiosa. Como ressalta Leandro Polverini, as festividades cívico-religiosas referentes aos mil anos *ab urbe condita* traziam à tona o passado imemorial de Roma em conexão com uma renovada expectativa acerca do futuro. Por meio da análise do discurso iconográfico que se observa nos tipos monetários SAECVLVM NOVVM batidos em Roma e Antioquia nos Orontes entre 247 e 248, em nome de Filipe, de sua esposa Otacília Severa e de seu filho Filipe II, busco problematizar em que sentido projetavam-se representações pelas quais a ideia de uma “nova era”, benfazeja, foi associada aos membros da *domus Augusta*, com ênfase sobre os aspectos políticos e simbólicos vinculados ao processo de consolidação de uma nova dinastia imperial.

THE VALUE OF THE OLD

Paul du Plessis (University of Edinburgh)

Recent years have seen a renewed interest in the study of ancient law across a number of different fields. Unlike the study of Roman law which, in many Law Schools, has been confined to the elaboration of legal doctrine in a timeless manner, these studies have attempted to locate ancient law within the societies that created them. As modern socio-legal scholarship has shown, however, the relationship between law and the society that creates it is by no mean straightforward or uncomplicated. The same can be said in relation to ancient law. And yet, these studies have exposed up an entirely new vein of scholarship which is alive with insights. In this paper, I wish to make the case for the study of ancient law. I will argue that it plays a vital role across a number of related academic fields and should be studied and taught in a more mainstream fashion.

DENTRO E FORA DA CIDADE. O PAPEL DOS ESPAÇOS SAGRADOS EM ARMEA E SANTIAGO DE COMPOSTELA NA ANTIGUIDADE TARDIA

Rebeca Blanco-Rotea (UMinho/Universidade de Arqueologia)

O processo de urbanização responde a lógicas complexas, que nem sempre coincidem, resultando em espaços urbanos muito diferentes, apesar de terem sido criados em momentos semelhantes no tempo. Atrás deles encontram-se razões políticas, culturais, económicas, migratórias e religiosas. Na Galiza, uma região do norte da Península Ibérica, na Antiguidade Tardia e na Alta Idade Média assistimos a uma grande transformação da estrutura de ocupação do território que começou a tomar forma nas fases finais do Império romano e continuou até ao século X. Nesta altura, desenvolveu-se um processo que deu origem a uma nova estrutura organizacional das zonas rurais, mas também gerou núcleos mais complexos onde a população se concentrava e que acabariam por se tornar nalgumas das mais importantes cidades da península, como Santiago de Compostela. Um fator chave neste processo está representado pela cristianização tardo-antiga associada à disseminação territorial de uma série de santos mártires, cujas figuras serviram às sociedades e elites do tempo para se apropriarem de espaços e estruturas construídas em períodos anteriores, dando-lhes um novo significado. Nesta comunicação analisaremos dois casos diferentes em que a religiosidade interveio como elemento de apropriação do território e de implementação de diferentes modelos de urbanização: o lugar de Armea, através da figura de Santa Mariña de Augas Santas no século VI e o de Santiago de Compostela, com a figura do apóstolo Santiago no século IX, períodos chave na desestruturação da *Gallaecia* e na construção dos reinos cristãos medievais.

ENTRE OS ESPAÇOS URBANOS E SUBURBANOS: A TOLEDO HISPANO-VISIGODA COMO EXEMPLO DE *URBS REGIA* NA ANTIGUIDADE TARDIA (SÉCULOS VI-VII)

Renan Frighetto (UFPR/Nemed/CNPq)

Para Wolfgang Liebeschuetz a cidade antiga, desde as suas origens, devia a sua existência ao desenvolvimento das atividades políticas e administrativas que faziam dela um espaço primordial de convivência e de troca de experiências socioeconômicas e culturais. Pensando sob este mesmo prisma podemos dizer que a cidade tardo-antiga, sucessora e herdeira da cidade antiga clássica-helenística, seguia os mesmos passos de sua antecessora, embora os espaços de poder e de convivência tanto no seu interior como nas suas cercanias tenham sofrido modificações importantes. Transformações que podem ser observadas tanto pelos vestígios arqueológicos como também pelas informações

existentes na documentação manuscrita. Ao escolhermos o caso da *urbs regia* de Toledo, capital e sede metropolitana do reino hispano-visigodo nos séculos VI – VII analisaremos a possível emulação proposta pelos reis hispano-visigodos da capital romano-imperial, Constantinopla. Para tanto, lançaremos mão à documentação manuscrita que se refere aos espaços – laico e eclesiástico – existentes tanto *urbs* toledana como em seus arrabaldes.

DE ROMA A CUSCO: LEITURAS TRANSCULTURAIS DO ESPAÇO URBANO

Ricardo Mar (Universitat Rovira i Virgili)

Nos anos 30 do século XX, Gordon Childe elaborou a ideia de que os aglomerados humanos evoluíram segundo uma linha progressiva através do que ele designou como revolução neolítica e revolução urbana. Desde então decorreu quase um século e temos hoje um conhecimento muito mais amplo e detalhado dos aglomerados antigos em todos os continentes. Os novos dados desenham um panorama histórico mais complexo e articulado. Em primeiro lugar, porque foram diversos e, por vezes, contraditórios os processos que conduziram à sedentarização dos grupos humanos. Em segundo lugar, porque os processos de adaptação ao meio ambiente nunca foram lineares, já que tão pouco o foi o clima ou as condições ambientais que determinavam a habitabilidade dos territórios. Finalmente, a resposta cultural a este conjunto de condicionantes mutáveis foi distinto em cada caso. Nesta comunicação apresentaremos alguns aglomerados humanos que faziam parte de duas formações estatais muito diferentes, o Império romano e o Império inca. Surpreende a heterogeneidade das formas urbanísticas que canalizaram formas de poder apresentadas tradicionalmente como dois estados fortemente centralizados. O poder da burocracia, a coação pela violência, ou a unificação religiosa, não impediram que cada comunidade desenvolvesse o seu próprio caminho até à complexidade urbana. O interessante da comparação é que, paradoxalmente, em ambos os casos, o poder centralizado foi extremamente sensível às diferenças entre cada uma das comunidades que o formavam. O resultado é que os velhos modelos explicativos do lugar central, ou a teoria dos sistemas hierárquicos arborescentes, devem ser substituídos por modelos mais flexíveis.

A CONSTRUÇÃO POÉTICA DA URBS NA ENEIDA: O AMÁLGAMA ENTRE ESPAÇOS E TEMPORALIDADES NA ÉCFRASE VIRGILIANA

Thiago Eustáquio Araújo Mota (UPE/Leir)

A *Eneida* de Virgílio é um importante documento sobre a percepção histórica da geografia religiosa da cidade de Roma e do Lácio, especificamente pelo uso que o poeta

faz das *prolepsis* e da *écfrase* na narrativa. Nesta apresentação, buscamos analisar como, a partir da mecânica do hexâmetro dáctilo e dos motivos convencionais do gênero épico, o poeta de Mântua descreveu espaços como a gruta do *Lupercal*, o Capitólio, o *Asylum* de Rômulo, bem como santuários e variados referentes da topografia de Roma e das cidades do Lácio. Nesta descrição poética singular da *Eneida* que comprime, em um mesmo espaço, diferentes temporalidades, a Roma de mármore augustana se sobrepõe à cidade dos primórdios, feita de casebres e choupanas. Uma vez que estas temporalidades não estão obviamente recortadas no texto, delimitá-las parte de um esforço de desmontagem e intelecção do poema. Cabe considerar também que o diálogo com a documentação arqueológica e com as fontes pré-*virgilianas* tem se mostrado bastante profícuo no sentido de elucidar várias referências no texto da *Eneida*. A partir do procedimento histórico hermenêutico, problematizamos as escolhas do poeta na compilação de narrativas fundacionais que oferecem, por sua vez, uma etiologia para os monumentos, espaços da *urbs* e do seu entorno.

PROGRAMA DO MINI-CURSO

DIÁLOGOS DE HISTÓRIA ANTIGA: ARQUEOLOGIA, CIDADE E TERRITÓRIO

AULA 1: As novas tecnologias de representação arquitetônica na interpretação arqueológica

José Alejandro Beltrán-Caballero (Universitat Rovira i Virgili)

Nas últimas décadas o desenho arqueológico e a representação gráfica das escavações conheceram uma transformação radical das ferramentas de trabalho. A revolução digital teve a sua última evolução nos programas de modelação 3D e na aquisição automatizada de modelos virtuais digitais a partir da documentação fotográfica. Estes avanços supuseram uma revolução no trabalho de campo, mas também a criação de uma metodologia de interpretação arqueológica da arquitetura com um potencial insuspeito até há poucos anos atrás. Nesta conferência mostraremos a evolução do desenho arqueológico desde as suas origens na Roma do Renascimento até à sua consolidação no contexto do século XIX. Sobre essas bases viria a desenvolver-se nas últimas décadas do século XX e no século XXI uma verdadeira revolução tecnológica cuja capacidade concetual para transformar a interpretação arqueológica apenas começou.

AULA 2: Viver na cidade romana: uma leitura simbólico-funcional das casas de Pompeia

Ricardo Mar Medina (Universitat Rovira i Virgili)

A residência de elite nas cidades provinciais do Império romano constituiu um produto cultural inovador adaptado às necessidades das novas aristocracias locais. Durante os últimos dois séculos da República, a nobreza de estatuto superior e os seus sócios itálicos tinham copiado nas suas residências de luxo os modelos da arquitetura palaciana que haviam conhecido durante a conquista do Oriente helenístico. Com a chegada do Império, a nova classe dirigente, com origens mais modestas, apesar de mais rica e numerosa, exigiu a aplicação desses modelos ideológicos nas suas próprias residências. Assim, nasceu um novo standard residencial organizado de forma mais racional. A cidade de Pompeia, devido à sua destruição num momento precoce do Império, conservou edifícios significativos, que já não possuímos em Roma, os quais são fundamentais para entender as origens augustanas da linguagem arquitetônica que deu forma às casas de peristilo por todo o império e contribuiu para o desenvolvimento das insulas de altura, construídas nas grandes megapolis imperiais, como Óstia, Cartago, Antioquia ou Éfeso.

AULA 3: Documentar uma paisagem fortificada a partir da Arqueologia do Espaço Construído. Ferramentas teóricas e metodológicas

Rebeca Blanco-Rotea (UMinho/Unidade de Arqueologia)

Introdução à proposta teórico-metodológica Arqueologia do Espaço Construído, que é o resultado da abordagem conjunta do estudo da arquitetura e da paisagem, fundindo a Arqueologia da Paisagem e a Arqueologia da Arquitetura. Aplicação ao estudo de paisagens fortificadas do NW da Península Ibérica. A abordagem metodológica do estudo de paisagens fortificadas (desde fontes escritas até às tecnologias geo-espaciais). Interpretação e reconstrução de paisagens fortificadas e construção de modelos teóricos.

APRESENTAÇÃO DO LIVRO

ARQUITECTURA Y URBANISMO DEL CUSCO INKA

Ricardo Mar, Ramiro Matos e José Alejandro Beltrán-Caballero

Edição UMinho Editora (Universidade do Minho)

Ricardo Mar e José Alejandro Beltrán-Caballero (Universitat Rovira i Virgili)

Em 2010, sob a direção de Ricardo Mar (SETOPANT-URV), foi iniciado o projeto *Visualizing Inka Cusco*, cujo principal objetivo foi a reconstrução do centro cerimonial da antiga capital de Tawantinsuyu. Foi uma tarefa árdua, tornada difícil devido às construções coloniais e republicanas que hoje cobrem os vestígios da cidade antiga. Foi necessário assumir que as circunstâncias correntes condicionaram este trabalho e também fazer um esforço para extrair a máxima informação dos recursos disponíveis, tanto arqueológicos como históricos. Reconhece-se que o objetivo de reinterpretar a cidade Inka integra-se numa longa tradição de estudos andinos, realizados tanto dentro como fora do Peru, pois se o estado de conservação dos edifícios da antiga capital fosse semelhante ao de Machu Picchu não seria necessário discutir os limites e possibilidades da sua reconstrução virtual. Contudo, é precisamente a continuidade da fábrica urbana da cidade e a sua vitalidade cultural que justifica a proclamação da cidade contemporânea de Cusco como a capital arqueológica da América do Sul. Alguns dos mais significativos elementos do passado da cidade são ainda parte do seu presente: a água, as estradas, os terraços e os aglomerados da antiga capital de Tawantinsuyu. O projeto foi financiado pelo National Museum of the American Indian - Smithsonian Institution of Washington, pela Tinker Fellowship of Stanford University, pela Agencia Española de Cooperación Internacional para el Desarrollo (AECID), tendo os resultados sido apresentados em reuniões científicas e publicações em Espanha, Itália, USA, Peru e Colombia.

Links:

Download do livro: <https://doi.org/10.21814/uminho.ed.41>

Visualizing Inka Cusco project:

<http://www.setopant.com/projectes/cusco/>

<http://setopant.com/wp-content/uploads/pdf/urbanismo-del-cusco-inka-2ed.pdf>

http://setopant.com/wp-content/uploads/pdf/tesis_josc3a9_alejandro_beltrc3a1n-caballero.pdf

Video Cusco: https://www.youtube.com/watch?v=3O8P_zA9qC4



Entre os dias 22 e 24 de novembro de 2022, ocorrerá, nas dependências da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), no campus de Goiabeiras, o III Colóquio Internacional de Estudos Greco-Romanos.

O evento, que terá lugar no Auditório do Centro de Ciências Humanas e Naturais (IC-II), de 3ª a 5ª feira, a partir das 9h, é uma iniciativa do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano, seção Espírito Santo (Leir/ES) em parceria com a Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho (UMinho), com apoio do Programa de Pós-Graduação em História (PPGHis) da Ufes e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Espírito Santo (Fapes). Na oportunidade, contaremos com a presença de integrantes da equipe de Arqueologia Clássica da UMinho, além de destacados historiadores e arqueólogos brasileiros e estrangeiros.

Por intermédio do tema escolhido para o Colóquio, "A cidade antiga entre a História e a Arqueologia", pretende-se investigar as múltiplas funções desempenhadas pelo espaço entre gregos e romanos, tanto em contexto público quanto em contexto privado. Dentre as atividades previstas para o evento, encontra-se a oferta de um minicurso sobre os diálogos da História Antiga com a Arqueologia a ser ministrado por José Alejandro Beltrán-Caballero (Universitat Rovira i Virgili), Ricardo Mar Medina (Universitat Rovira i Virgili) e Rebeca Blanco-Rotea (UMinho/Unidade de Arqueologia).



WWW.LEIR.UFES.BR

